

ALCIDES SIMÕES

NUNCA ME ABANDONES

FICHA TÉCNICA:

Edição: LPC - Livraria Pedro Cardoso
Sede Fazenda Praia, Cabo Verde
Telefone: (+238) 260 15 07 / 08 / 09
livrariapedrocardoso@gmail.com

Título: Nunca Me Abandone

Autor: Alcides Simões

Capa e paginação: Inês Ramos [inesramos.designer@gmail.com]

Imagem da capa: © Zac Ong / Unsplash

© do autor. Direitos desta edição reservados à Livraria Pedro Cardoso
1.ª edição: Maio de 2023

Impressão e acabamento: ARTIPOL – Artes Tipográficas, Lda.

ISBN: 978-989-8894-91-5
Depósito Legal: 515902/23
Tiragem: 300 exemplares

É expressamente proibido reproduzir, no todo ou em parte, sob qualquer forma ou meio, nomeadamente fotocópia, esta obra. As transgressões serão passíveis das penalizações previstas na legislação em vigor.

NUNCA ME ABANDONES

© Edição e Colabo
Bertrand + Inkook
2023-05-14

Conheci Alfredo Teixeira já no declinar da sua vida. Essa convivência permitiu-me conhecer um homem afetuoso que acreditava na força do amor e da amizade, mas não deixava de manifestar alguma amargura face a uma sociedade que, em nome do pragmatismo e dos interesses imediatos, sacrifica os sentimentos mais nobres e profundos. Contudo, a sua já longa vida dera-lhe uma compreensão serena da realidade e a força para persistir na busca do amor e dos afetos de que tanto necessitava para dar sentido aos seus últimos dias.

Desses dias de longas conversas fica esta estória contada por quem a viveu, ou imaginou. Sabemos que a memória pode pregar-nos algumas partidas. Vivida, ou sonhada, esta é a estória de Alfredo por ele mesmo contada.

Desde que os meus pais partiram nunca mais me disseram: amo-te! Não me lembro de um único gesto de carinho sincero desde essa altura. Procuo de novo esse sentimento. A minha mãe dizia com frequência “filhinho”, ou “amo-te muito”. Eu já tinha sessenta anos e a minha mãe alegrava-me com essas expressões de carinho. O meu pai não as dizia, mas o seu olhar e o seu abraço expressavam-nas de uma forma igualmente calorosa.

Tenho saudades do colo da minha mãe, dos ralhetes e cheiro a tabaco do meu pai. Amei aqueles velhos até ao último dia das suas vidas, como amo meus filhos

A casa onde vivo não é rica, mas é acolhedora; aqui passei os momentos mais felizes da minha vida que deixaram inesquecíveis recordações.

Localizada numa pequena aldeia, onde todos se conhecem, tem um grande quintal onde tínhamos a própria horta. Ainda hoje, quando posso, ali passo o meu tempo, plantando umas alfaces, limpando umas casotas de madeira que fiz, para que as aves façam seus ninhos, ou cuidando das minhas plantas, principalmente roseiras. As árvores de fruto, testemunhas dos meus choros, companheiras das minhas angústias, dos meus ais, quantas vezes nos seus gemidos choram comigo. Talvez por pena, me dão frutos durante quase todo o ano. É um regalo, sobretudo no inverno, a estação que mais gosto.

Quando deixaram de trabalhar, devido à idade, os meus pais passaram a viver em casa dos filhos, uma decisão acertada por todos, com o consentimento dos pais, eram muito amados por todos nós. Sabíamos que o seu estado, a idade avançada, os privava de ter uma melhor qualidade de vida, por isso foi tomada a decisão de passarem um mês em cada uma das nossas casas. Adorava a sua presença. Como os meus filhos já tinham saído de casa e viviam com as suas famílias, eram os meus pais a

minha melhor companhia. Estava sempre ansioso que chegasse o meu tempo. Sei que eles também apreciavam mais estar comigo, não porque gostassem mais de mim, mas porque quando estavam com os meus irmãos, que viviam numa grande cidade, todo o seu tempo era passado dentro de casa; sentiam-se pássaros numa gaiola. Aqui na aldeia podiam sair, passear pelo quintal, o que adoravam, e meter conversa com os vizinhos.

Quando se aproximava a hora de partir sentia a sua enorme tristeza. Iam sem prazer, mais pelo receio de magoar os outros filhos se não fossem. Não choravam por vergonha. Nós, os filhos, não estávamos a ser corretos, não me lembro de termos perguntado a sua opinião. Provavelmente diriam, para não magoar nenhum de nós, que queriam estar um pouco em casa de cada um. Mais uma vez se sacrificavam por nós.

A minha mãe adoeceu; tinha problemas cardíacos e era aconselhável muito repouso. As mudanças de casa mensais não eram nada benéficas, antes pelo contrário. O médico aconselhou o máximo repouso. O meu pai perguntou-me se havia algum incómodo em eles passarem a morar apenas na minha casa. Naquele momento caíram duas lágrimas no meu rosto.

- Não é um incómodo pai, mas sim um prazer.
- És um bom homem filho, um bom homem.

Reuniu a família, éramos quatro filhos, ficou decidido que ficariam em minha casa e que receberiam a visita dos meus irmãos sempre que estes desejassem.

Diz o velho ditado, de um autor desconhecido, que “o amor é a essência da vida”. Disso não há a menor dúvida. Quando um poeta, na sua solidão profunda e muito compenetrado, contemplando os raios argênteos numa noite de luar, se põe a escrever poemas de amor, é porque verdadeiramente o sente profundamente.

Vários poetas e escritores, como Gabriel Garcia Marques, Fernando Pessoa e o poeta maior, Camões, utilizaram suas penas falando de amor.

Camões define-o como: “É fogo que arde sem se ver...”. Nada mais acrescento. Interrogo-me se há só um tipo de amor. Vaticino que não. Há vários graus de amor. Ninguém confunde o amor de Deus, o amor dos pais para com os filhos, do marido para com a esposa.

Mas, infelizmente, há que reconhecer o reverso do amor, o ódio, a vingança e a indiferença. Quantas e quantas vezes testemunhamos, infelizmente, casos cada vez mais frequentes, de filhos que se esquecem do amor que sempre receberam dos pais, mas quando estes atingem a velhice, simplesmente os rejeitam, relegando-os ao abandono e tratados com extrema indiferença. A indiferença arde e dói mais que o próprio fogo.



ISBN: 978-989-8894-91-5



9 789898 894915